

cadernos
de estudos
leirienses

17

LEIRIA
SETEMBRO DE 2018





Título: CADERNOS DE ESTUDOS LEIRIENSES – 17

Editor: Carlos Fernandes

Coordenador Científico: Saul António Gomes
(Professor Associado com Agregação do Departamento de História, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)

Conselho Consultivo: Isabel Xavier, J. Pedro Tavares, Luciano Coelho Cristino, Mário Rui Simões Rodrigues, Miguel Portela, Pedro Redol e Ricardo Charters d’Azevedo

Concepção e arranjo da capa: Gonçalo Fernandes

Colecção: CADERNOS – 17

©Textiverso

Rua António Augusto da Costa, 4
Leiria Gare
2415-398 LEIRIA - PORTUGAL
E-mail: textiverso@sapo.pt
Site: www.textiverso.com

Revisão e coordenação editorial: Textiverso
Montagem e concepção gráfica: Textiverso
Impressão: Artipol

1.ª edição: Setembro 2018

Edição 1214/18
Depósito Legal: 384489/14
ISSN 2183-4350

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

Afonso Lopes Vieira: o Relatório africano e o exílio nas Cortes

Cristina Nobre*

Em 1932, ocorre um dos episódios mais negros da vida de Afonso Lopes Vieira, enquanto conferencista convidado da viagem diplomática a África, entre maio e julho, com repercussões interessantes numa produção literária que foge um pouco ao cânone habitual. Lopes Vieira pronuncia as conferências planeadas em Angola — “A Fé e o Império” (em 28 de junho) e “Camões, o poeta de além mar” (em 1 de julho) — mas um grave diferendo com Henrique Galvão, então diretor das Feiras de Amostras de Luanda e de Lourenço Marques e representante do ministro das Colónias, impede-o de prosseguir viagem até Moçambique.



Afonso Lopes Vieira

Ao que tudo indica o diferendo ter-se-á ligado ao facto de alguns conferencistas serem pagos, como era o caso de Agostinho de Campos, enquanto o mesmo tratamento foi negado a Lopes Vieira, que o terá exigido a Henrique Galvão. A resposta negativa, e deselegante, que recebeu deste não lhe agradou, como confidencia em carta de 2 de agosto de 1932, ainda a bordo do navio Angola, para o amigo Alfredo Cortez, depositada no espólio da Biblioteca Nacional de Portugal [BNP]:

A bordo do *Angola*, Julho de 1932.
Bom e prezado Amigo

* Professora Coordenadora de Literatura Portuguesa no IPL.

Volto de Angola com as minhas relações violentamente cortadas com o Estado, personificado no Galvão!...

Preciso urgentemente falar consigo durante a mh^a. curta estada em Lisboa. Peça-lhe me telefone.

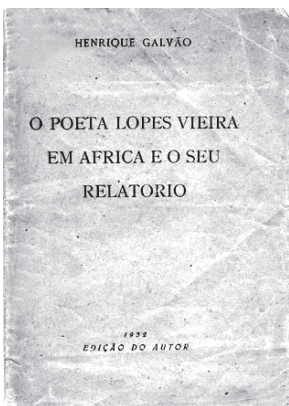
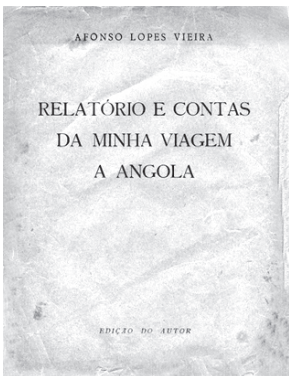
Em S. Pedro de Moel conto vê-lo e aos Seus, conforme o combinado. Aí vou escrever o *Relatório e Contas da mh^a. Viagem a Angola*, em q. responderei a um documento espantoso (não pode calcular!) q. recebi do citado bandido. E o meu caro Alfredo Cortez me ajudará em pontos *dos mais importantes*.

À chegada a Luanda o excelente engenheiro Alvarez logo a bordo me provou quanto a sua fina e dedicada amizade me servia ternamente e fielmente me seguia.

Até breve, se Deus quiser. Abraço-o como seu mt^o. grato e admirador

Afonso Lopes Vieira

(BNP, esp. N46 - Cx 4, 101)



Desembarcado em Portugal, em vez do planeado *Portugal de Além*, que gostaria de escrever, faz publicar, em edição de autor, um *Relatório e Contas da Minha Viagem a Angola* [RCVA] (1932). No espólio da Biblioteca Municipal de Leiria [BML] encontra-se um artigo intitulado “Afonso Lopes Vieira”, do jornal *Revolução – diário Nacionalista da tarde*, n.º 143, de 26 de agosto de 1932, onde aparece a transcrição do último capítulo do RCVA, visado pela censura, pois aparece riscado a lápis azul: “[...] É deveras lamentável que o ilustre escritor se veja forçado a perder o seu tempo e a sua prosa plasticamente impecável a tratar de assuntos <e> de <peessoas> tão pouco <merecedoras> de interêsse.” [BML, C17, n.º 33816].

Henrique Galvão responde, também em edição de autor, com um folheto do mesmo ano, intitulado *O Poeta Lopes Vieira em África e o seu Relatório*, e o conflito corria o risco de se eternizar se Lopes Vieira tivesse aceitado o conselho de diversos amigos, entre os quais se con-

tavam Hipólito Raposo e Alfredo Cortez, de apresentar um “Protesto de Desagravo”, que juntasse os seus amigos e ao qual fosse dado publicidade nos jornais.

Este episódio ganhou tal desenvolvimento, mesmo nos periódicos de então, a merecer um estudo de sociologia literária que o relacionasse com um certo *desgaste* da imagem de honorabilidade e de cavalheirismo estético frequentemente associada a Lopes Vieira. A questão do ‘pagamento dos honorários’ devidos ao escritor pelo trabalho de conferencista aparece empolgada a tal ponto que parece esconder um certo cansaço face à postura ética de Lopes Vieira. No entanto, o episódio terá também servido ao escritor para reconhecer,



Henrique Galvão

no isolamento forçado, entre o grande grupo dos seus fervorosos admiradores, aqueles – poucos – que mereciam o epíteto profundo da amizade. Na BNP, no espólio de Alfredo Cortez [BNP, esp. N4 / 95-104], pode ler-se correspondência de Lopes Vieira sobre este assunto, essencial para elucidar um dos períodos mais mal conhecidos e mais reservados da sua vida. Leia-se a carta de 26 de outubro 1932, em que revela a serenidade de que é capaz perante os acontecimentos e como foram eles que ditaram o seu exílio de cerca de três anos na aldeia de Cortes, na quinta que tinha herdado do tio-avô Rodrigues Cordeiro:

Querido Amigo – ainda bem q. V. “pôs as cartas na mesa” para eu lhe falar também com a perfeita sinceridade q. convém – nos convém. A sua ideia mostra-me mais uma vez a qualidade da sua amizade e o q. V. vale como camarada. Mas tal ideia é completamente irrealizável. De propósito não toquei ontem qdº. Lhe escrevi no assunto África, ou melhor – Galvão (escreva-se a torpeza). Mas hoje dir-lhe-ei q. devemos considerar êsse incidente encerrado (até novos improváveis episódios).

O Ministro parece q. ouviu qualquer reprimenda (asseguraram-mo) do seu chefe – e êste já fez muitissimo! Entretanto êsse Armindo continua a sua rota *imperial* (oh miséria) e o Galvão será um dia governador de Angola.

Tudo isto é natural — e sê-lo-há.

Do mesmo modo natural é q. eu não receba do Estado qualquer

reparação do q. me foi feito. Tudo isso se liquidou, pois, nos termos *nacionais* – nacionais em qualquer dos nossos regimens. Não vamos, pois, alarmar a opinião com actos q. destoem destes termos, e não vá um Amigo generoso (ou perdulário de amizade) promover uma festa cuja significação me encantaria mas me poria em uma evidência q. correria o perigo terrível de me fazer parecer vaidoso!...

Não, meu querido Alfredo Cortez, não poderia aceitar a sua afectuosíssima ideia em caso algum. E do mesmo modo fico grato ao espirito gentil q. a teve.

É certo q. o Hipolito me escreveu em Agosto acêrca de um projecto de *protesto* a meu respeito, cuja forma êle não divisava ainda clara e se deveria efectuar nos começos de Outubro. Compreendo perfeitamente. q. nada disso se fizesse, embora o próprio Carmona, q. não pode ver o Galvão, aceitasse sem dúvida o receber uma comissão q. o procurasse com êsse sentido. — Mas a sua ideia, essa, é sem duvida a mais generosa – e a mais *perigosa*. – Sejamos calmos. O q. se passou, e foi comefeito atroz, não interessa senão a uma roda *intima* de amigos meus – e nada mais. Êsses já e logo me manifestaram a sua assistência moral. O público, mesmo um *público de banquete*, não pode interessar-se pelo assunto. E V., q. possui uma tão clara mentalidade, há-de por força reconhecê-lo. Mas a sua ideia, querido Amigo, tocou o meu coração, de mais a mais em um período assaz triste como o q. atravesso.

Abraço-o enternecidamente

Afonso LV

26. X.932

P. S. Vou seguir para *Cortes – Leiria* – onde me demorarei até não sei quando, com as minhas *crises* – moral e a outra!...

(BNP, esp. N46 - Cx 4, 102)

Ao que tudo indica, surge ainda a hipótese de redigir um segundo desagravo, ponderada por Lopes Vieira, e a questão da manifestação de apoio dos seus amigos, através de um jantar com assinaturas, sob a forma de desagravo, parece ser a que mais lhe agrada, desde que não se transforme em novo vendaval nos meios de comunicação, como deixa explícito em carta de 3 de novembro de 1932 para Alfredo Cortez:

Domº. / Querido Amigo

Recebi agora a sua carta e a todos vocês abraço pela amizade admirável.

É certo q. não compreendo o vosso projecto, q. V. não explica bastante. É certo também q. vejo q. estão fazendo uma *mobilização* q. deve incomodar – por causa duma questão minha pessoal! – tanta gente. – Eu estava redigindo a mh^a. resposta ao folheto – e hesito agora em prosseguir. Julgo entretanto q. essa solução seria a melhor. Quem é atacado, defende-se por si. E a resposta é fácil e tragicamente divertida de fazer!... Se eu não respondo, e vocês me cobrem com a sua amizade, haverá sempre uma *falha*. Não é verdade?

Não compreendo porém como farão *pública* + (+como darão suficiente publicidade) a manifestação convocada particularmente – porq. o caso dos jornais, de q. me fala, prevalece. Emfim, confesso q. vejo tudo isso assaz confuso, e, embora confie absolutamente na vossa acção, desconfio do êxito.

Além disto pesa-me o incómodo q. a *mobilização* dará forçosamente às pessoas. Por todas estas razões me inclino para a forma do *manifesto* assinado pelas pessoas q. vocês convidassem. Nunca falei no protesto em *jornais*.

Esse documento de honra teria a vantagem de poder ser espalhado gratuitamente aqui e em África – 8 páginas bastariam. – Vantagem enorme e *durável*. Da manifestação, por mais alto carácter q. ela tivesse, a sua publicidade dependeria sempre dos jornais.

Esse manifesto seria entregue por uma comissão ao presidente Carmona e ... no Ministério das Colónias. Claro q. a redacção seria confiada ao Hipólito e a si — vindo *de alto* a questão.

REFLITAM NISTO!

Do Ag.[ostinho?] de C.[ampos?] nada sei. Escreveu-me uma vez depois do meu folheto sair mas limitava-se a lamentar – de-certo sinceramente – o caso.

Estreito abraço do mt^o. amigo e mt^o. grato

Afonso LV

(BNP, esp. N46 - Cx 4, 99)

A 7 de novembro reforça esta ideia de contenção, alicerçada em informações que vai recebendo de vários amigos, conhecedores da influência e da cotação, já melindrada, de Henrique Galvão, junto do estado português:

Querido Amigo

Esta carta é para V., V. o Sousa Lopes e Sousa Santos, e não a endereço ao Hipólito — de quem recebi hoje duas cartas — por êle estar

ausente. Tenho meditado sobre se devo responder ao folheto do G. e chego sempre à conclusão negativa. Parto do principio de q. êle ficou *desqualificado* com o q. escrevi e citei. E acho q. ser maltratado por êsse miserável é honra e glória. Quanto à solução q. o Hipólito me apresenta — a do convite nos jornais e na ida a mh^a. casa — parece-me extremamente *perigosa* / por extremamente *ambiciosa*, visto q. vocês — grandes Amigos! — quereriam fazer do incidente um assunto de natureza de alguma sorte capaz de interessar mais gente q. os meus amigos. E êsses não fariam legião, nem é precisa a imprensa p^a. os reunir, mas apenas 5 minutos de telefone. De modo q. Vocês, segundo me parece, viram *grande de mais*, e é necessário guardar as necessárias proporções.

Peço-lhes, pois, q. não pensem em convites públicos, exagerando as coisas num sentido talvez pouco prudente. Se alguma solução / fôsse realizável — e no fundo custa-me *imensamente* q. Vocês se macem tanto por mh^a. causa! — creio q. a publicação de um *Protesto, sem referência ao ultimo folheto*, mas a proposito do incidente primitivo, protesto redigido em termos de *defesa colectiva da Inteligência e da Honra* e baseado no meu caso, seria a solução desejável, desde q. um *número suficiente de assinaturas escolhidas* o subscrevesse. Repito q. me pesa q. os meus Amigos tenham de maçar-se tanto com os meus casos pessoais — e só admito q. o meu caso pessoal tem interêsse desde q. seja visto *de alto*, não por mim, *de modo algum só por mim*, mas pelos interêsses comuns da dignidade / e da cultura nacionais. Eis a mh^a. opinião, sobre a qual lhe peço q. reflitam. Sobretudo, o plano q. o Hipólito me desenhou, assustou-me. Em Portugal, em Lisboa, só para um António José de Almeida poderia dar resultado semelhante alvitre. E talvez em todos os países, e no nosso mais q. em nenhum.

No Protesto não se atacaria *ninguém*; a Censura não teria q. apreender. Seria, por forma directa, a afirmação do valor da Inteligência, das Fôrças Espirituais, feita por intelectuais e por homens de honra.

Peço-lhe, qd^o. Amigo, q. comunique estas linhas ao Hipolito, logo q. êle regresse, e logo q. puder ao S. L. [Sousa Lopes] e S. S. [Sousa Santos]. Esse Protesto seria endereçado à Nação, aos homens honrados e cultos, para q. amanhã, — como me escreveu o Joaquim de Carvalho — não possa succeder o mesmo a outros nas minhas condições...

Abraço-o com gratissima amizade

Afonso LV

(BNP, esp. N46 - Cx 4, 97)

É o horror por uma intimidade exposta que vence, mas o episódio ma-

goa profundamente Lopes Vieira que resolve abandonar Lisboa por uns tempos e instalar-se num “exílio voluntário” e “necessário” na quinta das Cortes e na casa de S. Pedro. Em carta, datada de 12 de novembro de 1933, enviada das Cortes para Alfredo Cortez, dirá: “[...] Eu, neste exílio necessário a quem tem de comprar o q. herdou, tenho saudades de raras criaturas — e uma delas é Você. [...]” e, em postal, datado de 22 de agosto de 1934, e enviado de S. Pedro de Moel, dirá: “[...] Esta longa ausência de Lisboa tem-me feito estimar mais e melhor alguns — *muito poucos* — e você é um dêles. Aceite, pois, um estreito abraço meu, enquanto lho não dou aqui neste ermitério, e creia-me *et nunc et semper* seu § amigo fiel e admirador sincero § AfonsoLV” (BNP, esp. N4 / 103 e 104). Em carta dirigida a Carlos de Passos, com carimbo de 26 de junho de 1936, depositada na Biblioteca Municipal do Porto [BMP], ainda dirá:

“Meu caro Carlos de Passos § Estes últimos três anos, em q. tenho feito uma cura de solidão e de higiene espiritual a q. V. atribui uma elegância q. me desvanece pela benevolência com q. a encara, têm-me feito também mais amigo dos meus Amigos — dos verdadeiros e raros. Ora de V. não guardo senão lembranças amáveis, por sinal q. pouco bem retribuídas da mnh.^a parte. [...]” (BMP, M-CP-604 (12)).

Em carta de 27 de julho de 1936, Agostinho de Campos faz o seguinte comentário a esse exílio do amigo Lopes Vieira: “[...] Quanto à posição de exilado acho-a sempre invejável, mas não para muito mais longe do que S. Pedro de Moel ou Cortes. Dentro de cada um de nós, quando somos espaçosos, há sempre espaço bastante para a Pátria e para o desterro. [...]” (BML, *Cartas [...]*, vol. XI). O brasileiro Rebelo Gonçalves, em carta de 8 de março de 1936, comenta palavras que recebera do escritor sobre o tema do exílio: “[...] Tem V. Ex.^a razão no que me diz sôbre exílios. Eu também penso que se pode ser mais português *lá fora* que *cá dentro*, numa época em que até para ser português é preciso pedir licença... [...]” (BML, *Cartas [...]*, vol. XIV).

Alice Ogando, em 1935, fez uma longa entrevista ao escritor, “Novas de Afonso Lopes Vieira, o poeta mais português de Portugal”, publicada a 24 de outubro na revista *Fradique*, em que a imagem do exílio ou *desterro*, como a entrevistadora refere, continua a envolver o escritor, mas é já uma manifestação clara da capacidade de resiliência, alicerçada nas amizades que o cercam, e que talvez venham a construir uma nova fase na sua obra:

– *E agora diga-me em que ocupa o seu tempo no destêrro que se impôs?*

– *Divido a minha vida, nestes anos de exílio voluntário, e higiénico, material e espiritualmente, entre esta casa e a que possuo nas Cortes, perto de Leiria, e que pertenceu ao meu tio avô, o poeta Rodrigues Cordeiro, que teve a sua hora de grande voga e tem o seu nome gravado na lápide dos poetas, em Coimbra. Esta casa de S. Pedro – o meu navio – é também antiga na minha família e eu apenas a modifiquei e decorei. Confesso que adoro êstes lugares de el-rei D. Diniz e do mar que não joga o tennis.*

– *E não lhe pesa o isolamento? A voz do mar é bela mas monótona.*

– *Não; tenho a faculdade de viver comigo, com alguns livros, o mar e a minha liberdade espiritual, que prezo imensamente. E, depois, nestes anos de afastamento em que tive de renunciar à amizade de velhos companheiros que me foram queridos, sinto-me satisfeito com a minha consciência – bem supremo para mim – e ganhei outras amizades que me compensam daquelas que quis perder. (Ogando, 1935)*

Desse exílio resultará uma obra interessante, com um certo sabor irónico.

Referências Bibliográficas

Espólio da Biblioteca Nacional de Portugal: BNP, esp. N46 - Cx 4 - Docs. 32-107 (95-104)]: Conjunto de 9 cartas e 1 postal, d. 1932-1934, de Afonso Lopes Vieira para Alfredo Cortez.

Espólio da Biblioteca Municipal de Leiria: BML, *Cartas e outros escriptos dirigidos a Afonso Lopes Vieira*, vols. XI e XIV, cartas de Agostinho de Campos e de Rebelo Gonçalves.

Espólio da Biblioteca Municipal do Porto: BMP, fundo M-CP-604 / 1-27, Conjunto de 27 espécies, 20 postais e 7 cartas, d. 1917-1944, de Afonso Lopes Vieira para Carlos de Passos.

OGANDO, Alice (1935) “Novas de ALV, o poeta mais português de Portugal” in *Fradique*, ano II, n.º 90, Lx., 24 de Outubro.